

# todo dia ainda é dia de ÍNDIO

Por Eduardo Logullo

**As idéias do líder indígena Ailton Krenak já foram ouvidas do palanque da ONU aos jardins londrinos de Kew Gardens. Os 500 anos da América recebem ásperas conclusões deste estudioso da pororoca cultural que ainda separa seu povo do Ocidente**

Os estereótipos que envolvem qualquer relato sobre um indígena são anulados quando se trata de Ailton Krenak. Sem nenhuma pena na cabeça ou bодоques nas orelhas, este homem de 39 anos talvez seja o grande teórico da causa indígena no Brasil, além de único representante com trânsito livre entre índios e caras-pálidas. Normalmente ele se esquivava de falar à imprensa. Os 500 anos da América serviram de motivo inicial para esta entrevista à **Revista da Folha**, realizada à beira de uma fogueira que ele acendeu em sua sala no Núcleo de Cultura Indígena, em São Paulo.

Era uma vez um jovem que saiu da pequena reserva krenak, situada no vale do rio Doce, entre Espírito Santo e Minas Gerais. Os krenaks pertencem ao tronco Gê, têm conexões linguísticas com os caiapós e formavam uma tribo numerosa até a chegada de dom João 6º ao Brasil. Uma das primeiras proclamas tropicais acionadas pelo regente português pregava o extermínio dos "silvícolas brasileiros". Tudo em nome do expansionismo colonial, das pretensões econômicas e do brilhantismo dos neurônios da corte lisboeta.

Ailton Krenak fala pausado, com raros rompan-tes discursivos em torno da situação sempre calamitosa das comunidades indígenas no Brasil. Enquanto atira gravetos ao fogo, ele desfia sua história —quase um épico.

11/10/92

ZULEICA DE SOUZA/AGÊNCIA JB/04, set 87



**Em 87, Krenak pintou o rosto no Congresso: protesto pela não-solução das questões indígenas na Constituição**

Analfabeto até os 20 anos; saiu do vale do rio Doce nos anos 70, ao lado de alguns membros da família. A saga de uma —previsível— marginalidade situou o grupo na periferia de São Paulo. Eles acabaram instalados em uma pequena "roça" perto de Alphaville.

A explosão demográfica que incha a capital paulistana desde aquele período ilhou o rancho dos krenaks. Em pouco tempo eles foram expulsos pelos novos moradores da área: nordestinos favelados. "Naquela época, eu adivinhava a linha dos ônibus pela cor", lembra Ailton, exibindo os dentes perfeitos. Sua família decidiu, então, transferir-se para o Paraná. Ele ficou. ▶

**Ailton Krenak não folcloriza sua ascendência: usa jeans e camisetas. Uma das tradições que não dispensa é conversar ao pé da fogueira**



CIRO COLEHO/FOLHA IMAGEM

► Alfabetizar-se foi a meta de Ailton Krenak para dominar o mundo novo do bê-á-bá ocidental. Impetuoso, devorou grande parte da literatura latino-americana, estendendo-se à historiografia de sua tribo. Surgiu então uma das opiniões mais agudas sobre a importância da cultura indígena na terra “descoberta” por Colombo em 1492.

Ailton cita um exemplo daquilo que considera distorção —entre milhares— sobre a chegada dos colonizadores: “Dizem que os índios pensaram que as velas das caravelas fossem ‘asas de anjos’, mas tenho certeza que quem pensou assim foram as mesmas pessoas que aportaram aqui”. Continua o ataque afirmando que “não deveriam culpar os índios por todas as besteiras”.

Descobrimiento da América é um termo que pede aspas na fala de Krenak. “Quem escreve sobre a ‘invasão do Novo Mundo’ ou sobre a ‘descoberta da América’ reflete fluxos de referências culturais ainda presos à Europa.” E avança: “São consequências das conquistas periféricas do homem branco no planeta”. Historiadores críticos da vio-

## Ex-produtor do “Programa de Índio” na rádio USP, Krenak registrou 200 horas de música indígena

lência dos conquistadores são tratados por Krenak de “revisores ainda em descompasso com a população que havia neste espaço do mundo”.

Quanto às questões políticas que envolvem as causas indígenas no Brasil, Ailton também dispara flechas envenenadas. O governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, é visto como “regionalista, com medo de perder pretensas riquezas com a delimitação das áreas indígenas”. Para Krenak, Mestrinho e outros políticos da região “estão perdidos na noção de que progresso seria exploração de recursos naturais, construção de hidrelétricas, mineração e projetos de efeito eleitoral”.

Em contraponto às práticas oficiais, ele aproveitou a verba que recebeu há dois anos da Fundação Onassis para abrir dois centros de pesquisa. O Núcleo de Cultura Indígena funciona em uma casa do século

19 cedida pela Prefeitura de São Paulo, enquanto o Centro de Pesquisa Indígena fica no município goiano de Inhumas. Neste último, indígenas de várias tribos desenvolvem técnicas alternativas capazes de evitar a destruição dos recursos naturais.

O Centro faz experiências bem sucedidas em piscicultura, agricultura e criação de animais silvestres ameaçados de extinção. Os mesmos procedimentos foram levados até a Reserva Extrativista do Alto Juruá, no Acre. Lá, em uma área de 2 milhões de hectares, convivem harmoniosamente seis mil seringueiros e cinco reservas indígenas. “Fizemos um inventário sócio-econômico na área, baseado em uma economia florestal.”

Como se não bastasse revelar uma interpretação sociológica capaz de assustar antropólogos quadrados, Ailton Krenak é um homem ponderado. Evita elos políticos, trabalha na surdina e mantém sua vida pessoal longe de folclores. Depois de fazer palestras em mais de 20 países, ele decidiu não mais sair do Brasil, para se dedicar às causas de seu povo. Para Ailton Krenak, o sonho ainda nem começou.

## URUCUM

"Assim como os descendentes de japoneses no Brasil têm o direito de continuar sendo chamados de nissei ou sansei, meus filhos e netos também têm direito de continuar reportando a memória de seu povo"

"Para se continuar essa herança cultural, é necessário ter suporte físico, ou seja, os nossos lugares na terra, nosso habitat. Não pedimos um latifúndio, uma fazenda. Queremos um sítio sagrado no sentido cultural, onde existam referências simbólicas de nosso passado"

## PAJELANÇA

"Da mesma maneira que a cultura ocidental se utiliza de escolas e de instrumentos auxiliares para o aprendizado, a minha cultura tem uma instituição de conhecimento: o sonho. Quando você abre seu coração e seu pensamento, você busca o sonho. Dentro do sonho você tem ensinamentos"

"Em vez de se quebrar a cabeça, deve-se ficar quieto, esvaziar toda a ansiedade e esperar o sonho. As soluções aparecem durante os sonhos"

"A instituição do sonho é um traço cultural, da mesma maneira que algumas tradições religiosas possuem rituais como romarias ou orações. Não é um truque para ficar esperto ou sair de enrascadas"

## OCA

"Agora estou lendo 'A Via de Shuangtsu', um filósofo chinês que viveu há mais de mil anos. Ele lembra os pajés antigos: a simplicidade e a espiritualidade são iguais. Tem uma frase dele que gosto muito: 'a sabedoria dos homens silencia a inteligência das formigas'"

"Todas as culturas antigas também possuíam seus xamãs. Só que esses xamãs foram gradativamente desmoralizados pela sucessão de fatos rápidos. Hoje ninguém mais tem tempo para escutar xamãs. As sociedades modernas criaram os psicólogos, os antropólogos, os botânicos, os astrólogos"

## ARCO-E-FLECHA

"Quando comecei a confrontar os problemas das relações das sociedades indígenas com o Estado, de populações arcaicas perante os segmentos modernos que acumulam muitos dados de uma vez só, percebi que aquelas sociedades menores precisam se fortalecer para não serem devoradas. Caso contrário, todo mundo vira língua"

"A civilização é uma fábrica permanente de fazer doido. Quem se marginalizar de tal organização agressivamente estruturada não tem chance alguma"

"Logo nos primeiros contatos que fiz em nome de meu povo e de outras tribos, o Brasil ainda era governado por generais; havia uma ignorância geral em política. E quiseram me atrair para correntes ideológicas. Eu não tinha preconceitos

sobre essa questão, mas já sabia que o caminho da causa indígena seria inconfundível: nós não somos sindicato, não somos partido ou crença religiosa. Quem me mostrou isso foi o sonho"

## COCAR

"Eventos do tipo 'campanha mundial' só têm sentido na máquina do tempo. Não resultam em nada. Podem até parecer ligados a causas culturais ou valores permanentes, mas são apenas outro tipo de consumo"

"Inventam shows para salvar a Amazônia, para salvar o planeta... Outro dia até brinquei quando soube que iriam produzir uma coisa chamada 'Coalizão Global' e disse que deveriam logo fazer uma 'Coalizão Interplanetária'"

"Todos projetam cada vez mais imitações de personagens de histórias em quadrinhos. Foi o que aconteceu quando uma revista norte-americana fez uma capa com o Paiakan, com os dizeres 'O Homem que Pode Salvar a Terra'"

"O mesmo tipo de projeção heróica aconteceu quando o Collor surgiu todo engomadinho e

muitos acharam que ele seria o homem que salvaria o Brasil"

## ARARA

"Em 1815, um príncipe alemão chamado Weid —que era botânico e historiador— passou pelo rio Doce. Ao voltar para a Europa, levou junto um índio krenak chamado Kuaq. Esse krenak não voltou, morreu na Alemanha em 1837. Há uma pintura de época desse meu ancestral, vestido com roupas européias, cabelo cortado, golas armadas, mangas bufantes e o olhar mais triste do mundo. Uma figura patética"

"Cada época tem um exemplo como esse. Uma hora é Sting rodando o mundo, depois o príncipe alemão, depois é Brizola enfiando o Juruna no Congresso Nacional, depois surge outra simulação de integração. Mas, no fundo, esta integração nunca ocorreu"

## POROROCA

"Mario Juruna foi eleito para o Congresso, mas o papo entre os xavantes continuou truncado"

"O Sting levou o Raoni para correr o mundo, teve aquele oba-oba todo e a gente viu que foi o maior desencontro civilizatório"

"Não teve coisa mais desconstruída do que a ECO-92. Acabou todo mundo falando sem tradução simultânea, sem head-phone. Ninguém entendia ninguém. Foi um show de vaidades. Eu não fui. Quis ficar longe, sonhei que não deveria ir"

"Na Constituinte, a idéia geral era a de que todos os índios teriam que virar brasileiros. E viva o Carnaval"

## ZARABATANA

"Praticamente fiz o mesmo roteiro internacional que o Raoni fez. A diferença é que eu estava 'vacinado' para não virar estrela moderna. Eu estava servindo à minha gente"

"A melhor caricatura dos 500 anos do Descobrimento da América é: 500 anos antes havia uma pessoa pelada em um terreiro, sentada em uma esteira de buriti e pintada de urucum. Quinhentos anos depois, essa mesma pessoa está vestindo uma calça qualquer-coisa, sentada em uma cadeira velha de fibreglass, sem pintura, sem cheiro, tentando ficar parecida com essa coisa que é ser civilizado"

"Para um índio fazer fogo, não precisa de bujão de gás. Não tem coisa que me aperte mais o coração do que chegar em uma aldeia e ver um fogão à gás. Pra quê? Um despropósito, não é?"

"Estes choques empobrecem os dois lados: os índios, pela imitação patética dos brancos. Os brancos, pela perda de dignidade cultural. Ao tentar 'aculturar' o indígena, o branco apenas cria raias de periferia cultural, com gente que não consegue ser a sua repetição, que não tem sua fé, que não acredita em seus valores. Tudo vira um arremedo"



JOÃO RIPPER/FOLHA. IMAGEM/76. jan. 90

**Ailton Krenak já correu o mundo em defesa de causas indígenas**

### PASSAPORTE

**Nome:** Ailton Krenak

**Data de nascimento:** 29.set.53

**Estado civil:** Casado

**Cargos atuais:** *Presidente do Núcleo de Cultura Indígena (SP) e do Centro de Pesquisa Indígena (GO); coordenador da União dos Povos da Floresta*

**Opinião sobre a Funai:** *"Uma agência do governo esvaziada de funções além de pequenos serviços"*